





A CURA PARA A SIDA PODE ESTAR EM PORTUGAL

Encontrar a cura para a sida recorrendo a medicamentos antigos, existentes no mercado. É esse o objetivo do Recycle Drug, o estudo coordenado pelo investigador em farmácia **João Gonçalves**. Começaram com três mil fármacos, chegaram a cinco, cujo mecanismo de ação tem potencialidades para esse objetivo ambicioso: erradicar o VIH-1 da face da terra.

Texto Cláudia Pinto

Fotografia Orlando Almeida/Global Imagens



COM APOIO

GILEAD

Advancing Therapeutics.
Improving Lives.

SAÚDE

João Gonçalves. Fixe este nome. Daqui a alguns anos, talvez ouça falar dele. Com uma equipa de nove profissionais, o professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa (FF-UL) e investigador do Instituto de Investigação e Medicamento (iMed) lidera uma equipa que está a validar fármacos antigos para tratar e erradicar o VIH-1. Uma espécie de reciclagem de medicamentos que poderá vir a constituir um avanço científico pioneiro e uma esperança para as pessoas infetadas com o vírus da sida.

O projeto RecycleDrug, iniciado há dois anos pela Farm-ID, Associação da Faculdade de Farmácia para a Investigação e Desenvolvimento da FF-UL, tem como objetivo encontrar a cura para a sida, a longo prazo, recorrendo a medicamentos já existentes no mercado. «Pegámos numa biblioteca de três mil medicamentos para várias patologias e de diversas especialidades, e que já saíram de patente, para chegar a uma *short list* de cinco», explica João Gonçalves. Estes cinco fazem parte dos resultados preliminares que indicam que estes fármacos têm potencialidades para erradicação do vírus.

«Imaginemos que as nossas células têm, no seu interior, a capacidade de



FINANCIAMENTO E INVESTIGAÇÃO

Criado em 2013, o Programa Gilead GÉNESE tem como objetivo incentivar a investigação translacional e clínica, a geração de dados e a implementação de boas práticas de acompanhamento dos doentes em Portugal. Em paralelo, é promovido o apoio a projetos nas áreas de educação para a saúde, bem como a intervenção comunitária e cívica. Destina-se ainda a apoiar projetos nacionais desenvolvidos por instituições, organizações ou grupos da sociedade civil que se dediquem à investigação científica ou ao desenvolvimento de iniciativas dirigidas à comunidade. No final da edição do presente ano, o programa terá disponibilizado um milhão de euros para o financiamento global de todos os projetos vencedores. As candidaturas para a edição de 2016 poderão ser submetidas entre 2 de junho e 14 de julho. Informações em www.gileadgenese.pt.

resistir ao VIH, um vírus inteligente que se adapta bem ao sistema imunitário, e que, através de armas próprias, estratégias e proteínas, consegue bloquear os fatores de resistência que cada indivíduo possui.» Os cinco medicamentos estão neste momento a ser utilizados noutras patologias e «têm alguma atividade no controlo do VIH». Apesar de não revelar os nomes, por uma questão de confidencialidade, e para não criar falsas expectativas nas pessoas infetadas, João Gonçalves explica que são de áreas tão distintas e específicas como a neurológica, a metabólica e a área da dor.

A investigação recebeu, no ano passado, um financiamento de trinta mil euros, pelo Programa Gilead GÉNESE, que permitiu acelerar o processo de investigação. «Este montante foi fundamental para ultrapassar algumas barreiras. Para concorrer a outros financiamentos ou bolsas de maior valor, teremos de avançar na investigação, tornando-a mais forte e consistente.»

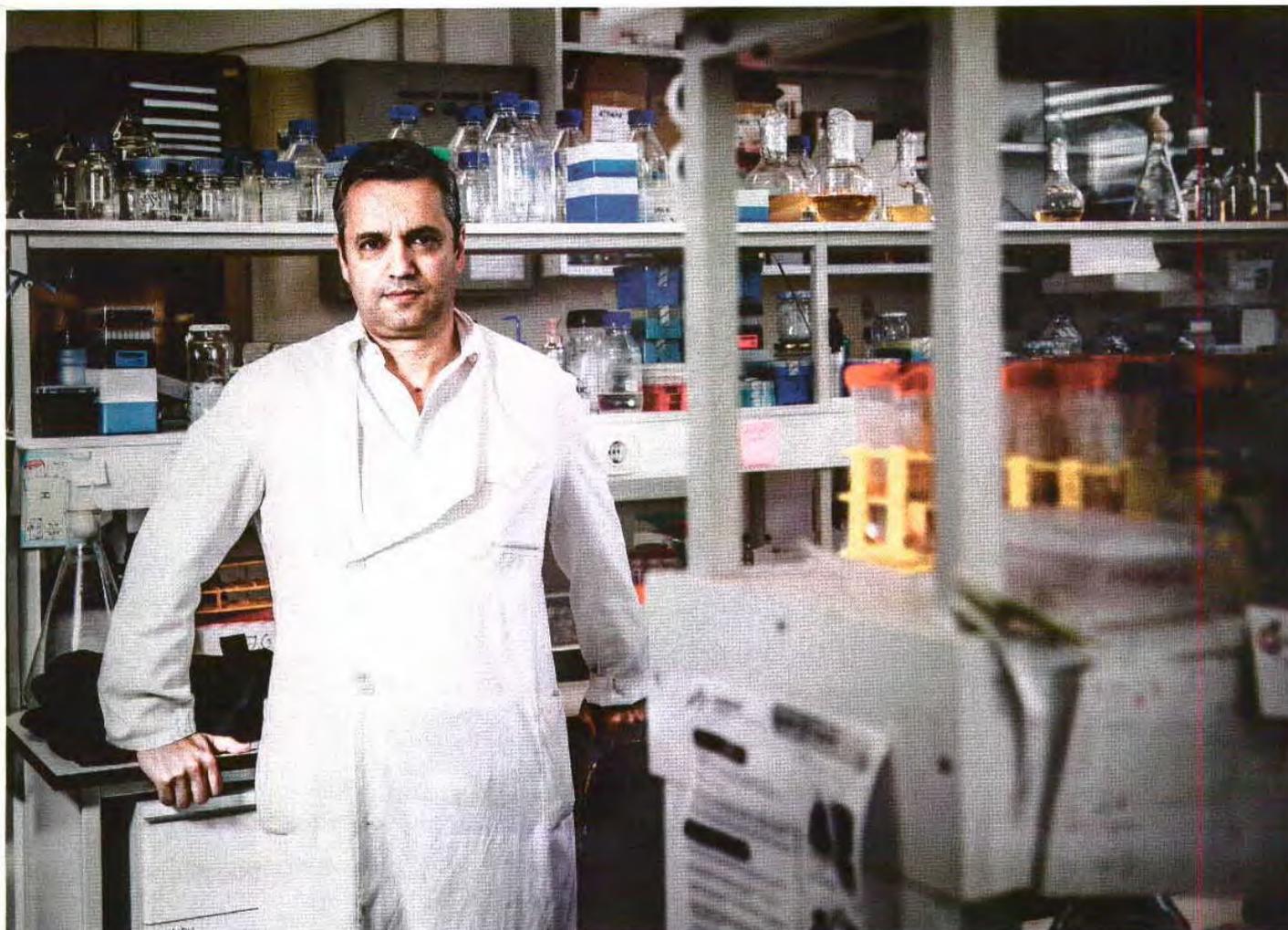
Passada a fase dos resultados preliminares, a equipa está agora a confirmar a eficácia das cinco moléculas, seguindo-se testes em animais. «Há que perceber qual o mecanismo de ação de cada um dos fármacos, e saber, destes cinco, qual será o melhor e mais eficaz.» Esta investigação tem a mais-valia de se basear em medicamentos cuja segurança já está estudada e confirmada. «São medicamentos de toma crónica, já é conhecida a segurança, sendo agora necessário avaliar a eficácia», afirma o investigador.

Nos últimos dez anos, o National Institute of Health (NIH), nos EUA, tem vindo a estudar e a investigar o impacto de alguns fármacos noutras áreas terapêuticas, normalmente chamado de «reposicionamento de medicamentos». João Gonçalves dá um exemplo concreto: «O Viagra foi inicialmente testado na área de cardiologia mas acabou por ser utilizado para outra patologia de uma especialidade diferente [potenciador sexual]. Recentemente, uma outra investigação do NIH conduziu a que um medicamento que era utilizado no cancro passasse a ter aplicabilidade e eficácia na sépsis.» Deste tipo de estudos têm surgido novos medicamentos ou formulações. Foi neste tipo de estudos científicos que o investigador se inspirou quando teve a ideia de avançar com este projeto.

Porquê o VIH? João Gonçalves trabalha em várias áreas terapêuticas, como



Esta espécie de «reciclagem» de medicamentos poderá constituir um avanço científico pioneiro. A equipa de João Gonçalves continua a trabalhar com esse fim.



os anticorpos em autoimunidade e cancro, mas interessa-se particularmente pelo VIH, tendo feito um doutoramento baseado no tema, nos anos 1990. «A indústria farmacêutica desempenha bem o seu papel no controlo de doenças. Há alguns anos, a principal preocupação era a de controlar a sida. O grande desafio atualmente é curar.» Já são conhecidas as formas de controlar as complicações da doença e ultrapassar as resistências. «Mas ainda não conseguimos eliminar o VIH. Existem células que mantêm o vírus adormecido e a nossa estratégia passa por tentar fazer que o sistema imunitário consiga ser ativado, de forma a erradicar a doença.» A estratégia seguida pela equipa de João Gonçalves é diferente da que é defendida por outros grupos de investigadores em todo o mundo. «Existem

«A indústria farmacêutica desempenha bem o seu papel no controlo de doenças», diz o investigador João Gonçalves. «Há alguns anos, a principal preocupação era a de controlar a sida. O grande desafio atualmente é curar.»

algumas investigações no sentido de matar o VIH diretamente. Nós estamos a caminhar no sentido contrário: reforçar a resistência das células que temos naturalmente no nosso organismo.»

Para que seja possível passar à fase seguinte – testes em animais – será necessário procurar outros financiamentos, um dos condicionalismos que a investigação em Portugal atravessa. «Existem investigações potencialmente disruptivas no nosso país que ficam estagnadas e não avançam por falta de verba.» O dinheiro é talvez o maior entrave pois a potencialidade de medicamentos já existentes no mercado é enorme. Havendo verba para continuar a investigação ao ritmo indicado, «pode desenvolver-se um novo medicamento num menor espaço de tempo», diz João Gonçalves. ■